

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da 2ª Edição do Prêmio ODM e apresentação do relatório dos Objetivos do Milênio

Palácio do Planalto, 29 de agosto de 2007

Meus companheiros e companheiras ministros,
Ministra Dilma Rousseff,
Ministro Luiz Dulci,
Ministro Luiz Marinho,
Ministro Patrus Ananias,
Ministros Miguel Jorge, Sérgio Machado, Roberto Mangabeira Unger,
Nilcéa Freire,

Nossa companheira presidente da Caixa Econômica Federal e o presidente do Banco Brasil,

Governador Jackson Lago, do Maranhão, e Waldez Góez, do Amapá,
Deputados federais Dalva Figueiredo, Pedro Wilson, Fátima Pelaes,
Evandro Milhomen e Davi Alcolumbre,

Senhor Ademir de Oliveira Menezes, vice-governador do estado de Goiás,

Senhora Kim Bolduc, representante da ONU e do PNUD no Brasil,
Companheiro Oded Grajew,

Eu não sei se o Tevah está aqui, mas falaram o nome dele. Eu não sei se estão o Israel, o Daniel. O Daniel está aí,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes,
Os representantes dos organismos internacionais.

Quero dizer para vocês o seguinte: uma vez eu fui a Porto Alegre e fui convidado pelo dono de uma empresa de confecções que, uma vez por ano, no sábado, convidava todos os trabalhadores da sua empresa, dava a matéria-prima e os trabalhadores decidiam junto com ele dedicar um dia de produção para doação. Os trabalhadores não ganhavam salário, a empresa não vendia um centavo daquilo lá e ainda pagava o almoço dos funcionários – senão os

trabalhadores não tinham força para trabalhar – e eles escolhiam uma entidade para fazer a doação daquele dia de produção. Eu achei a idéia interessante.

A princípio eu pensei, Daniel, que a gente poderia convencer a indústria automobilística a dar um dia de produção, pensei que as empresas de refrigerante poderiam fazer um dia de produção de graça para todo mundo. Até a Embraer poderia dar um dia de produção. Mas aí eu achei que isso era impossível e não haveria tanta sensibilidade humana para isso.

Então, nós discutimos a possibilidade de criar um prêmio, muito mais como estímulo, para que a sociedade civil e os entes federativos, sejam os governos estaduais ou municipais, assumissem a responsabilidade, em função das Metas do Milênio, de tentar cumprir, escolher pelo menos uma, se duas for muito, ou duas, se três for muito, mas escolher uma coisa e dizer: “bom, nós vamos atacar esse problema, vou poder medir a cada ano e, quem sabe, num prazo muito curto, bem antes de 2015, eu possa anunciar ao mundo que a minha cidade cumpriu as Metas do Milênio.” Essa é uma coisa mais fácil de falar do que fazer, porque nós temos quase 6 mil municípios no Brasil, é preciso uma política de incentivo para que os prefeitos fiquem sensíveis, os secretários e a comunidade das cidades fiquem sensíveis. Por exemplo, acabar com o analfabetismo. Será humanamente impossível pensar se as prefeituras não assumirem, porque a prefeitura, no fundo, no fundo, é que sabe onde estão as pessoas da sua cidade que não aprenderam a ler, que não estão na escola.

Se tem alguém numa cidade que ainda não recebe o Bolsa Família, não é o Patrus, aqui de Brasília, quem vai saber, se o prefeito não tiver uma política de garimpagem e mandar o seu pessoal sair na rua para investigar. Não é apenas na periferia urbana da cidade que a gente faz inscrição. É preciso que em cada cidade as pessoas adentrem – estou falando bonito – adentrem os grotões e vão descobrir. De vez em quando eu telefono para o Patrus, agoniado, porque ouvi na televisão que não sei onde, há 400 quilômetros da cidade de Paraopeba, tem uma mulher que não recebe o Bolsa Família. Por que ela não está inscrita? Porque tem uma falha da pessoa que tem obrigação de inscrever.

Então, se tiver uma boa parceria, aquilo que eu chamo de uma boa cumplicidade, em relação às Metas do Milênio, nós poderemos, no caso do

Brasil, atingi-las antes do período. E digo isso por 2 anos e meio de experiência. Eu digo 2 anos e meio de experiência, porque quando a gente ganha as eleições, você toma posse no dia 1º de janeiro, passa um ano inteiro debatendo para corrigir o orçamento que você herdou, que foi feito no governo anterior. No nosso caso, nós tivemos que fazer um corte de 14 bilhões no orçamento e ainda tivemos 10 bilhões de restos a pagar, somam-se 24 bilhões. Tivemos que construir um orçamento e pensar em reequipar o governo. A gente jamais poderia cumprir as Metas do Milênio no que diz respeito à questão ambiental se não tivéssemos coragem contra as críticas de que cada funcionário que a gente contrata, a gente está inchando a máquina. Na verdade, é preciso contratar, ter técnicos, ter fiscais embrenhados pelo mato afora para evitar as queimadas, senão não se evita. É preciso ter gente de bom senso para denunciar. Se nós não fizéssemos isso, nós não teríamos alcançado o sucesso que alcançamos no final de 2006 e este ano.

A diminuição do desmatamento no Brasil é uma coisa extremamente significativa, e é por isso que quando eu viajo o mundo... ninguém venha querer ensinar o Brasil como fazer porque nós sabemos. O que nós não tínhamos era estrutura para fazer isso. Eu acho que as Metas do Milênio, se a gente pudesse conversar individualmente com cada prefeito, a gente poderia mostrar o quão simples é resolver alguns problemas. Não é tão difícil. Muitas vezes não existe foco, não existe a determinação de priorizar uma coisa e atacá-la, acabar com ela, depois atacar a segunda. Se a gente fica gastando o pouco que tem em muitas coisas ao mesmo tempo, a gente termina pulverizando o dinheiro e não resolve um problema.

Você não me olhe assim não, Nilcéa, porque nós vamos atingir as metas das mulheres. Na Conferência Nacional das Mulheres, nós fizemos um pacto e vamos colocar, até 2010, 1 bilhão de reais para que a gente possa resolver uma série de problemas que nós temos na questão de gênero. E vamos fazer não apenas por conta das Metas do Milênio, mas porque é uma necessidade histórica da humanidade, criar seres humanos iguais e não torná-los diferentes por causa do sapato ou por causa da roupa.

A gente não pode hoje nem admitir que a mulher possa ser chamada de sexo fraco, isso é uma coisa teórica, porque, na prática, nós sabemos quem é o sexo fraco na relação entre o casal. Obviamente que por essa nossa

fragilidade, nós vamos ter que fazer a compensação na relação de trabalho, para a mulher conquistar mais direitos e mais igualdade.

A questão da fome, eu acho plenamente possível, países do porte do Brasil e outros países da América do Sul, resolver o problema da fome e da miséria absoluta até 2015. E acho que todos deveríamos fazer um sacrifício para contribuirmos para que a África possa fazer. O problema é que para a África tem muito discurso e pouco dinheiro. É por isso que eu sou um fanático do programa de biocombustíveis, porque na hora em que o mundo rico estiver introduzindo, nos tanques dos seus carros, o álcool e o biocombustível, nós vamos poder gerar empregos e renda na África. Deveria estar nas Metas do Milênio: todo mundo vai colocar 20% de etanol ou de biodiesel no tanque até 2015 ou 2020. Naquele tempo não se falava em biocombustível, portanto, os presidentes não resolveram o problema.

A questão da educação básica. Depois que nós fizemos o Fundeb, depois que nós aprovamos o Programa de Desenvolvimento da Educação, eu estou convencido de que o Brasil finalmente encontrou o caminho para resolver o problema da educação neste País. A educação básica, desde a creche até a universidade.

A questão da mortalidade infantil, eu estou convencido, hoje, se todos os programas sociais que nós temos em prática no Brasil – e ainda vamos apresentar um PAC da Saúde nos próximos dias; no dia 19 de setembro estaremos lançando aqui o PAC da Funasa para atender comunidades indígenas, para atender quilombolas, para atender cidades com menos de 50 mil habitantes, para atender cidades com alto índice de mortalidade infantil, para atender regiões com alto índice de malária, para atender regiões com alto índice de Doença de Chagas... Porque aqui, meu caro prefeito, tem gente que acha que malária é coisa de Pernambuco, malária não, Doença de Chagas. Quando se fala em Doença de Chagas, as pessoas já dizem: “já vem aqueles nordestinos com essa doença”. E agora, discutindo o PAC, nós descobrimos que na região noroeste do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina, minha cara Nilcéa – você que é médica – tem um alto índice de Doença de Chagas. No Rio Grande do Sul, para qualquer pessoa do Sul estava tudo resolvido, não está. E no PAC da Funasa, são 4 bilhões de reais, além do PAC de saneamento básico, que são 40 bilhões, para ver se a gente começa a

resolver os problemas de degradação. Eu não vejo as Metas do Milênio como obstáculo, eu vejo como estímulo. Para todos nós é um estímulo saber que nós temos oito problemas e que assumimos, moral e politicamente, o compromisso de enfrentá-los até 2015.

Eu tinha um discurso, por escrito, grande, que falava do Relatório. Eu achava que um presidente da República não podia ficar todo ano lendo relatório. Eu quero convidar a ONU para que, ao final de 2010, a gente possa fazer um relatório do que aconteceu com as Metas do Milênio no final do nosso governo. Não vou dizer que nós vamos resolvê-las todas até 2010, mas podem ficar certos de que a ONU terá muitas surpresas com o sucesso que nós vamos alcançar até 2010 porque, se até agora fizemos o que foi feito, daqui para a frente nós temos condições de fazer muito mais.

Muito obrigado e meus parabéns pelo Relatório.